



Ensino Médio

série

Metodologia Científica

2ª

Manual exclusivo do aluno

Capítulo 1

A disciplina Metodologia Científica

Você já conheceu, no plano de estudo, os objetivos desta disciplina e deve ter percebido a sua importância, mas gostaríamos de aprofundar um pouco nossa reflexão sobre a presença dela no seu curso, a fim de conduzi-lo, com os conteúdos que serão desenvolvidos, ao entendimento de que, por meio do estudo e da leitura, você poderá ampliar suas capacidades de pensamento e atitudes.

Para isso, precisamos partir da compreensão de que Metodologia Científica é a disciplina que "estuda os caminhos do saber", entendendo que "método" representa caminho, "logia" significa estudo e "ciência", saber.

Perceba, então, o quanto importante é estudarmos os caminhos do saber. Os caminhos, ou seja, os métodos ensinados nesta disciplina, são procedimentos ou normas para a realização de trabalhos acadêmicos, a fim de dar ordenamento aos assuntos pesquisados.

O método é um conjunto de procedimentos sistemáticos no qual os questionamentos são utilizados com critérios de caráter científico, para termos fidedignidade dos dados, envolvendo princípios e normas que possam orientar e possibilitar condições ao pesquisador, na realização de seus trabalhos, para que o resultado seja confiável e tenha maior possibilidade de ser generalizado para outros casos.

Mas, sobre o método, você terá, na próxima unidade, uma seção específica e poderá entender melhor seu significado e sua relação com esta disciplina.

Você também aprenderá, nesta disciplina, a arte da leitura, da análise e interpretação de textos, para que não seja, durante o curso, um aluno-copista, que reproduz em suas pesquisas e trabalhos acadêmicos o que outros disseram, sem nenhum juízo de valor, crítica ou apreciação, mas, sim, um aluno que analisa, interpreta e participa ativamente do seu processo de aprendizagem.

Você sabia que o homem pré-histórico não conseguia entender os fenômenos da natureza, por isso tinha reações de medo?

Durante algum tempo foi assim, as gerações, ao se sucederem, foram recebendo um mundo já trabalhado e adaptado, e as fases foram se modificando, passando do medo à tentativa de encontrar explicações aos fenômenos da natureza, buscando respostas por meio de crenças e magias, que também não foram suficientes. O ser humano

evoluiu para a busca de respostas através de caminhos que pudessem ser comprovados, nos quais pudesse refletir sobre as experiências e transmitir a outros. A necessidade de saber o porquê dos acontecimentos foi o impulso para a evolução do homem e o surgimento da ciência.

Aprofundaremos nossos estudos sobre a evolução do homem e o surgimento da ciência nas seções a seguir.

A definição de Ciência

Você deve ter percebido que o homem sentiu a necessidade de saber o porquê dos acontecimentos e que, dessa forma, surgiu a ciência (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 84). Para entender melhor esse assunto, você precisa compreender o que é ciência e, também, distinguir ciência e senso comum.

Vamos, então, ao conceito de Ciência!

O que é Ciência?

Etimologicamente, ciência significa conhecimento. Mas, nem todos os tipos de conhecimento pertencem à ciência, como o conhecimento vulgar e outros.

Vejamos o que alguns autores nos apresentam.

Cervo e Bervian (2002, p. 16) afirmam que:

A ciência é um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário.

A ciência demonstra que é capaz de fornecer respostas dignas de confiança sujeitas a críticas; é uma forma de entender, compreender os fenômenos que ocorrem. Na verdade, a ciência é constituída pela observação sistemática dos fatos; por intermédio da análise e da experimentação, extraímos resultados que passam a ser avaliados universalmente.

Quando faz referência à ciência, Oliveira (2002, p. 47) afirma que:

Trata-se do estudo, com critérios metodológicos, das relações existentes entre causa e efeito de um fenômeno qualquer no qual o estudioso se propõe a demonstrar a verdade dos fatos e suas aplicações práticas.

É uma forma de conhecimento sistemático, dos fenômenos da natureza, dos fenômenos sociais, dos fenômenos biológicos, matemáticos, físicos e químicos, para se chegar a um conjunto de conclusões verdadeiras, lógicas, exatas, demonstráveis por meio da pesquisa e dos testes.

Você pode perceber, com o autor, que os fenômenos de que os homens pré-históricos sentiam medo passaram a ser explicados pelos estudos, por meio de critérios metodológicos. Veja a importância da ciência como uma forma de conhecimento humano, objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.

Agora que você já sabe o que é a ciência, precisa entender também que o trabalho de cunho científico implica a produção do conhecimento, sendo este classificado como comum e científico.

No Conhecimento Científico, o pensar deve ser sistemático, verificando uma hipótese (ou conjunto de hipóteses), atribuindo o rigor na utilização de métodos científicos. Dessa forma, o trabalho científico configura-se na produção elaborada a partir de questões específicas de estudo.

Segundo Galliano (1986, p. 26), “ao analisar um fato, o conhecimento científico não apenas trata de explicá-lo, mas também busca descobrir suas relações com outros fatos e explicá-los.”

E sobre o Senso Comum?

Para entendermos melhor o senso comum e sabermos diferenciá-lo do conhecimento científico, podemos nos apropriar da literatura que nos apresentam diversos autores, como Galliano (1986), Cervo e Bervian (2002), Lakatos e Marconi (2003), Fachin (2003), entre outros, que definem senso comum como algo que vem da experiência do dia-a-dia, os conhecimentos que se desenvolvem a partir do cotidiano ou da necessidade.

O senso comum, enquanto conhecimento aprendido à luz das experiências e observações imediatas do mundo circundante é uma forma de conhecimento que permanece no nível das crenças vividas, segundo uma interpretação previamente estabelecida e adotada pelo grupo social.

Ao contrário do conhecimento científico, leva a pensar de forma assistemática, sensitiva e subjetiva, sem atribuir o rigor e a utilização do Método Científico.

É importante sabermos que do conhecimento do senso comum podemos desenvolver o conhecimento científico, pois ditos populares podem gerar questões que, às vezes, levam à pesquisa e à investigação científica, ou seja, aquilo a que o senso comum não responde, a ciência pode responder.

Você pode entender melhor a diferença entre o senso comum e o conhecimento científico, pensando nos tratamentos médicos. Muitos remédios foram utilizados, inicialmente, pelas comadres ou pelos índios, uma vez que o conhecimento deles era advindo do senso comum, que também chamamos de conhecimento vulgar.

Quer saber como? Aos remédios produzidos pelas comadres, pode ser aplicado um método científico, após ser comprovada a eficácia dos métodos de cura; passam, então, a ser considerados um conhecimento científico. Antes disso, não era válida a comprovação do senso comum, mesmo que já tivesse curado diversas doenças, porque não havia passado pelo método científico.

Você pode associar isso à sua vida acadêmica. Muitas vezes, na realização de um trabalho de estudos, com a investigação de um problema, você precisará aplicar os métodos científicos para chegar a um resultado comprovado, não poderá ficar no “achismo” ou no “vou fazer assim porque sempre deu certo”. Perceba, então, a importância da utilização dos métodos científicos na sua vida acadêmica!

Tipos de Conhecimento

O conhecimento é uma das formas mais primitivas de produção humana. Desde a antiguidade, os primeiros hominídeos buscavam respostas para os problemas ligados a sua interação com a natureza, com o outro e consigo; com isso, produziam conhecimento.

Esse conhecimento, pouco a pouco, foi sistematizado e repassado de um indivíduo para outro, de um grupo para outro, de geração para geração. Com o passar do tempo, novas formas de decodificação (pinturas rupestres, escrita cuneiforme, hieróglifos egípcios etc.) e de suporte e armazenamento (interior de cavernas, tabuas, pele de animais, papiro, papel etc.) foram encontradas, o que contribuiu para que hoje o termo *conhecimento* se tornasse tão amplo em seu conceito e utilização.

Se pensarmos no desenvolvimento de cada ser humano, o desejo pelo conhecimento surge logo após o nascimento. O recém-nascido já é um pesquisador curioso, e o mundo que o cerca é um fascinante objeto de investigação. Mas se a pequena criança demonstra tanto apetite pelo conhecimento, por que essa motivação não permanece (ou se fortalece) na idade adulta?

Por que ocorre esta desistência pelo constante aprimoramento do conhecimento? Por que a curiosidade intelectual não se mantém viva?

Nesse caso, poderemos buscar alguns responsáveis. O primeiro a ser apontado é a própria família. Educar a criança com o objetivo de que ela

cultive o desejo de aprender, de descobrir e de construir sua autonomia intelectual pode se transformar em um desafio que nem todos estão dispostos a enfrentar.

O mais cômodo é implementar uma educação familiar baseada na repressão e no dogmatismo. Interpretamos o bombardeio de questões que a criança nos lança todos os dias como um tormento, um tédio ou até mesmo como uma afronta a autoridade. E então contra-atacamos por meio do armamento pesado contido na seguinte frase: “Porque e assim e pronto”. Para que a curiosidade intelectual infantil resista a essa tirania dogmática dita com um tom de impaciência e com nítidos sinais de desaprovação e repetida inúmeras vezes durante todo o período da infância, o pequeno pesquisador deve se tornar um verdadeiro herói da resistência.

Sendo assim, muitos sucumbem e recalcam seu desejo de conhecer e passam a se portar como verdadeiros robôs, desenvolvendo um raciocínio mecânico e de curto alcance. Infelizmente eles se transformarão em marionetes nas mãos dos pais e posteriormente nas mãos da escola e dos governantes. Perderão, dessa maneira, a qualidade específica e prazerosa da nossa espécie: o livre pensar.

A escola também é uma grande responsável pelo adormecimento da curiosidade intelectual. Althusser (1985) refletiu que a escola tem o potencial de se tornar um aparelho ideológico do estado, portanto, reprodutora da sociedade capitalista.

Sim, acreditamos que essa possibilidade tem sido levada a cabo pelos grupos dominantes. Como esta explícito na epígrafe de Bacon, que inicia este capítulo, conhecimento e poder. E por esse motivo, a escola deve cuidar para que poucos desenvolvam esse poder.

Ela tem de agir deliberada e estrategicamente para que este poder transformador, que é o conhecimento, não seja distribuído, pois isso desagradaria aqueles que querem o monopólio e o controle do poder.

Diante desse cenário deprimente, a escola finge que ensina, pois não pode ousar uma prática educativa autêntica sob o risco de que esses estudantes desavisados se encham de ideias absurdas ligadas a liberdade, a distribuição de renda e a qualidade de vida para todos.

A avaliação, por exemplo, será um dos instrumentos fundamentais para manter o sujeito naquele lugar que lhe foi predestinado. Mas não sejamos injustos, há escolas e professores que se recusam a por em prática esse modelo alienante e alienado de educação. Paulo Freire foi um dos que

apontou caminhos de conscientização em busca de uma pedagogia do livre pensar, em busca de uma pedagogia da autonomia. No trecho a seguir, embora Freire esteja focado na relação entre pais e filhos, pensamos que os princípios apontados são os mesmos para a relação entre professores e estudantes, e até mesmo do Estado democrático para com seus cidadãos.

Empírico – é o Conhecimento Popular (vulgar), guiado somente pelo que adquirimos na vida cotidiana ou ao acaso, servindo-nos da experiência do outro, às vezes ensinando, às vezes aprendendo, num processo intenso de interação humana e social. É assistemático, está relacionado com as crenças e os valores, faz parte de antigas tradições.

Como exemplo de conhecimento empírico, você já deve ter ouvido o dito popular de que tomar chá de macela, mais conhecida como marcela, cura dor de estômago, mas ela precisa ser colhida na Sexta-feira Santa, antes do sol nascer.

Científico – é o conhecimento real e sistemático, próximo ao exato, procurando conhecer além do fenômeno em si, as causas e leis. Por meio da classificação, comparação, aplicação dos métodos, análise e síntese, o pesquisador extrai do contexto social, ou do universo, princípios e leis que estruturam um conhecimento rigorosamente válido e universal.

Neste, são feitos questionamentos e procuradas explicações sobre os fatos, através de procedimentos que possam levar ao resultado com comprovação. Não é considerado algo pronto, acabado e definitivo, busca constantemente explicações, soluções, revisões e reavaliações de seus resultados, pois, segundo Cervo e Bervian (2002), a ciência é um processo em construção. Analisar o mesmo exemplo anterior no contexto científico, poderia, mediante o estudo, verificar a relação de causa e efeito e o princípio ativo que determina o desaparecimento do sintoma “dor de estômago”, quando da ingestão do chá de macela.

Filosófico – procura conhecer a realidade em seu contexto universal, sem soluções definitivas para a maioria das questões; busca constantemente o sentido da justificação e a possibilidade de interpretação a respeito do homem e de sua existência concreta. A tarefa principal da filosofia resume-se na reflexão.

Cervo e Bervian (2002) apresentam alguns exemplos que deixam claro esse conceito, verifique:

- ✓ A máquina substituirá o homem?
- ✓ As conquistas espaciais comprovam o poder ilimitado do homem?

✓ O que é valor hoje?

A filosofia procura compreender a realidade em seu contexto universal. Não produz soluções definitivas para grande número de questões, mas habilita o ser humano a fazer uso de suas faculdades para entender melhor o sentido da vida, concretamente.

Teológico – é o estudo de questões referentes ao conhecimento da divindade, implicando sempre em uma atitude de fé diante de revelações de um mistério ou sobrenatural, interpretados como mensagem ou manifestação divina.

Esse conhecimento está intimamente relacionado a um Deus, seja este Jesus Cristo, Buda, Maomé, um ser invisível, ou qualquer entidade entendida como ser supremo, dependendo da cultura de cada povo, com quem o ser humano se relaciona por intermédio da fé religiosa.

Exemplo disso são os conhecimentos adquiridos e praticados pelos homens tendo como base os textos da Bíblia Sagrada ou quaisquer outros livros sagrados.

Você já pode diferenciar os diversos tipos de conhecimento, mas vale a pena apresentarmos algumas contribuições de outros autores.

A seguir, procuramos sintetizar o quadro apresentado por Oliveira (2003, p. 37-41), somado às contribuições de Galliano (1986, p. 18-20), sobre as formas de conhecimento:

Conhecimento Vulgar ou Popular – é utilizado por meio do senso comum, geralmente passado de geração em geração, disseminado pela cultura baseada na imitação e experiência pessoal; é empregado pela experiência pessoal do dia-a-dia, sem crítica.

Conhecimento Filosófico – não é passível de observações sensoriais, utiliza o método racional, no qual prevalece o método dedutivo antecedendo a experiência; não exige comparação experimental, mas coerência lógica, a fim de procurar conclusões sobre o universo e as indagações do espírito humano.

Conhecimento Religioso ou Teológico – é incontestável em suas verdades, por tratar de revelações divinas; não é colocado à prova e nem pode ser verificado.

Conhecimento Científico – por meio da ciência, busca um conhecimento sistematizado dos fenômenos, obtido segundo determinado método, que aponta a verdade dos fatos experimentados e sua aplicação prática.

O Conhecimento Científico pode ser:

✓ **Contingente** (hipóteses traduzem resultado através da experimentação);

✓ **Sistemático** (procedimento ordenado forma um sistema encadeado de ideias);

✓ **Verificável** (afirmações podem ser comprovadas); falível (novas proposições podem mudar as teorias existentes);

✓ **Real** (lida com o real, conforme ocorrência dos fatos) isso é o que enfatiza Oliveira (2003, p. 39-40).

Compreensão

Chegou o momento de fazermos uma parada, para refletir.

Você entendeu a classificação dos diferentes tipos de conhecimento?

Classifique as situações seguintes como Senso Comum (SC) ou Conhecimento Científico (CC):

() Para a elaboração de trabalhos acadêmicos, utilizamos as normas definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

() Segundo os ditos populares, não podemos comer uva e melancia ao mesmo tempo, porque isso causa dor de estômago.

() Angino-Rub unguento é um composto de cânfora e mentol + associações e é indicado ao alívio da tosse e ação descongestionante.

() O leite de soja sem lactose é um alimento com proteína isolada de soja e é indicado para quem não pode beber leite de vaca.

() A certificação ISO 9001, versão 2000, que versa sobre Sistema de Gestão da Qualidade, garante sucesso ao processo de qualidade implantado pelas organizações.

() A melhor coisa para quando a criança está agitada é o benzimento; com isso, imediatamente, ela se acalma.

() Se alguém tomar todos os dias uma xícara de chá quente com ervas (carqueja, espinheira santa e alcachofra), pode emagrecer até 5 quilos por mês.

() O adoçante dietético é composto de sacarina sódica e ciclamato de sódio e utilizado por quem está fazendo regime alimentar.

() Para elaborar citações, a melhor fonte de informações é a NBR 10520 da ABNT.

() Antigamente, muitas mulheres, quando concebiam um filho, ficavam de resguardo na alimentação e não lavavam a cabeça por 40 dias, porque isso poderia causar problemas de saúde para a vida toda.

() O Instituto Nacional de Metrologia (Inmetro) cuida da normalização de produtos e serviços de qualidade.

() Algumas mães usam algumas gotas de leite materno para curar a dor de ouvido das crianças.

Agora que você já sabe a diferença entre conhecimento científico e senso comum e percebe que seus trabalhos devem obedecer ao rigor científico, é importante que se concentre para estudar mais profundamente sobre a natureza do conhecimento.

Capítulo 2

O Estudante – Aprendendo a Aprender

Um dos maiores desafios enfrentados pelo estudante é a dificuldade em atender as expectativas de professores que não consideram como sendo nova a fase em que os estudantes se encontram.

Essa dificuldade é facilmente compreendida se considerarmos que os estudantes até bem pouco tempo estavam imersos num outro contexto estudantil, o ensino fundamental.

O que se espera de estudantes de ensino médio é bem mais que a postura passiva e receptiva a que estão acostumados na.

Autonomia intelectual, curiosidade intelectual e senso crítico são algumas das características desejáveis para esses estudantes.

Autonomia intelectual refere-se a capacidade que o ser humano desenvolve de pensar de forma independente, criativa e crítica. Pode ser a diferença entre deixar de pertencer a uma “massa de manobra” para passar a fazer parte de uma “elite intelectual”.

Podemos dizer que a autonomia gera também uma autoridade no sentido proposto por Labelle (1998, p. 109): “a autonomia, decorrendo da liberdade, surge, por este fato, ligada a autoridade, no sentido primeiro deste termo, que é o de ser o autor do seu próprio crescimento”.

Portanto, ter autoridade é um atributo que o sujeito tem que desenvolver, dando provas de que é capaz de realizar a gestão do seu próprio crescimento como um ser pensante, crítico e criativo.

A curiosidade intelectual, por outro lado, define-se por um modo distinto de abordar problemas que nos afetam no dia a dia e em nossa profissão.

Estudantes preguiçosos, negligentes e descomprometidos com sua formação dificilmente se tornarão profissionais em condições de competir num mercado de trabalho cada dia mais exigente.

É comum as empresas culparem as instituições de ensino superior por “despejarem” no mercado profissionais mal formados, como também é fato que o aumento da oferta de vagas na educação superior tem contribuído para a diminuição do padrão de qualidade desses profissionais.

Entretanto, queremos afirmar que há uma parcela individual de responsabilidade na formação acadêmica que deve ser levada muito a sério pelos estudantes.

Neste novo contexto social mediado por tecnologias inteligentes, o acesso a informação e ao

conhecimento se tornou ponto pacífico, isso porque estamos a cada dia mais nos distanciando de uma cultura ensinante e nos aproximando de uma cultura aprendente (BELLONI, 2012), na qual a figura do professor cedeu lugar a figura do colaborador, incentivador e mediador.

Portanto, é crucial que alunos reservem um tempo diário para dedicarem-se ao estudo da matéria lecionada pelo professor, mas que, principalmente, não se limitem a isso.

E fundamental que tenham curiosidade intelectual, atitude investigativa e perspicácia para elucidar eventuais contradições presentes na realidade.

Atualmente, já existe amplo e sólido conhecimento nas ciências da aprendizagem, que podem lhe servir como verdadeiras ferramentas para você potencializar sua competência em armazenamento de informações, em tomada de decisões, em atenção e em concentração, bem como potencializar sua capacidade de resolver problemas.

Todas essas competências cognitivas são muito importantes para que você possa elaborar trabalhos acadêmicos de qualidade, que servirão como seu cartão de apresentação para o mercado de trabalho.

Para uma preparação acadêmica eficiente, você precisa desenvolver uma atitude compatível com o que almeja.

Na Psicologia, a atitude é definida como um conjunto composto por três componentes: o cognitivo, o afetivo e o comportamental.

No que tange ao cognitivo, uma melhor compreensão sobre o seu estilo de aprendizagem e sobre os processos metacognitivos poderá ser decisiva para que se possa tirar o maior proveito possível de muitas capacidades cognitivas que estão disponíveis em você, mas que ainda não foram ativadas.

No que se refere ao termo *metacognitivo*, este se aplica a discussão sobre o termo *metapreparação*, ou seja, e mais uma palavra composta com o prefixo *meta-*.

O termo *metacognição* significa o conjunto de conhecimentos e de compreensão que reflete sobre a própria cognição.

O estudo da metacognição procura compreender como o indivíduo lança mão de um conhecimento estratégico nos estágios de planejamento e monitoramento para atingir objetivos da atividade cognitiva.

O componente comportamental da atitude refere-se à formação de hábitos, a disciplina e

dedicação aos estudos. Neste livro traçaremos críticas vigorosas as formulas mágicas e a cultura do “fácil” e do “grátis”.

De acordo com os fundamentos científicos nos quais procuramos nos apoiar, é possível potencializar as competências humanas para a aprendizagem, mas isso não ocorre sem afinho e trabalho árduo.

E por último, mas não menos importante, a atitude também é formada por um elemento afetivo: a ansiedade, o medo do fracasso, a grande quantidade de renúncia a prazeres imediatos para se dedicar a preparação.

Esses e outros conflitos pessoais devem ser bem cuidados e administrados para que não se tornem “inimigos íntimos” no processo preparatório.

A elaboração é a manutenção da motivação podem ser eficientes antídotos contra os males afetivos.

Longe de ser um livro de autoajuda, o que pretendemos é convencê-lo de que é possível preparar-se de acordo com princípios motivacionais e de auto avaliação que serão úteis na autogestão dos fatores afetivos e emocionais.

Ciências da Aprendizagem

Quando começamos a aprender? Quando perdemos nossa capacidade para aprender? Quais são os limites para o conhecimento humano? Como atingir ao máximo o potencial para aprender? Como funciona nossa estrutura cognitiva?

Essas questões iniciais são provocações para pensarmos sobre como e por que aprendemos. Vários são os fatores que interferem na aprendizagem. Esses vão desde fatores biológicos, passando pela influência do contexto sociocultural no qual o sujeito está inserido, até chegar as particularidades exclusivas de cada sujeito que aprende.

Hoje já sabemos muito mais sobre a aprendizagem, graças a abordagem interdisciplinar sobre o tema.

Isso quer dizer que várias disciplinas científicas se completam para uma visão mais ampla e integrada sobre o aprender humano.

Entre essas disciplinas podemos citar: Neurologia, Psicologia, Linguística, Pedagogia, Andragogia, Psicanálise, Sociologia, História, Antropologia, Informática, Psicopedagogia e outras.

Podemos dizer que todas essas disciplinas formam o campo interdisciplinar denominado Ciências da Aprendizagem.

Entretanto, a lista de disciplinas apresentada acima não esgota as disciplinas que compõem as

Ciências da Aprendizagem, até mesmo porque esta é uma área tão complexa e vital para o ser humano que dificilmente alguma área do conhecimento não terá contribuições importantes para elucidar o processo de aprendizagem.

Por exemplo, pode ser que descobertas no campo da astronomia possam elucidar algo sobre a cognição humana, pois foi uma mente humana que possibilitou tal descoberta.

Não pretendemos divagar sobre tais discussões, pois sabemos que o objetivo de muitos com esta leitura é bem específico.

Sendo assim, apresentaremos alguns conceitos dessa ampla área que forma as Ciências da Aprendizagem de modo contextualizado ao processo preparatório.

Buscaremos, também, um ponto de equilíbrio entre o conhecimento científico e a aplicabilidade aos seus interesses de curto, médio e longo prazo.

Nesta apostila evitaremos utilizar a palavra aluno por dois motivos: primeiro, não estamos em uma relação professor-aluno.

Sendo assim, trata-se de um conhecimento que deverá ser construído por você, leitor, que é o principal sujeito da sua própria aprendizagem, o verdadeiro responsável pelo êxito.

Claro que isso representa um bônus, mas também um ônus (“Não existe almoço grátis.”) representado pelo seu engajamento e dedicação a aprovação.

Segundo, a palavra aluno, em sua origem etimológica, tem um significado que é pouquíssimo entusiasmante para quem se propõe a enfrentar o árduo desafio a que você está se propondo. Aluno vem do latim e significa “ser sem luz”. Isso mesmo!

Aluno é um ser nas sombras que necessita de um ser iluminado que o tire das trevas... Tal concepção tem origem no âmbito de uma filosofia da educação que estava totalmente centrada na figura do professor iluminado e que foi duramente combatida pelo movimento construtivista na educação.

Esse movimento, que tem seus fundamentos na teoria do psicólogo suíço Jean Piaget, postula que nos somos ativos e, portanto, portadores de luz na construção do conhecimento, desde o momento em que nascemos.

Isso ocorre desde os primórdios da nossa aprendizagem, quando estamos constantemente interagindo com o mundo a nossa volta.

Uma criança já pesquisa e lança questões que serão as verdadeiras impulsionadoras do desenvolvimento de sua inteligência.

Durante todo o processo de desenvolvimento que culmina na idade adulta, sempre estamos nos apropriando de conhecimentos que serão integrados a nossa estrutura cognitiva.

Para contextualizarmos os princípios construtivistas a sua realidade atual, solicitamos que você busque se recordar do que mais lhe marcou no processo de aprendizagem, durante sua passagem pela escola ou pela universidade.

Desconfiamos ser pouco provável que você se lembre de algo como estar sentado fascinado em uma sala de aula a sombra de um professor extraordinário e iluminado.

Portanto, se na educação de adultos a ênfase deve ser colocada na aprendizagem, podemos classificá-la em três tipos gerais de aprendizagem: a aprendizagem cognitiva, que ocorre no armazenamento organizado de informações na mente do sujeito que aprende (esse sistema complexo organizado e denominado estrutura cognitiva); a aprendizagem afetiva, que resulta de sensações internas e que pode ser notada quando o sujeito vivencia prazer, dor, ansiedade, medo, satisfação, alegria, angústia, entre outras (o importante é sabermos que vivências afetivas sempre acompanham as aprendizagens cognitivas; de fato, elas são indissociáveis); e a aprendizagem psicomotora, que se refere a respostas musculares adquiridas pelo treino e prática, tal como dirigir um automóvel. Em geral, uma certa aprendizagem cognitiva está presente na aquisição de habilidades psicomotoras (MOREIRA, 1999).

Capítulo 3

Redação

Escrever é estar no extremo de si mesmo

João Cabral de Melo Neto

Terror de muita gente na faculdade, pesadelo que assombra os finais de semestre ou exigência escolar incomum, a redação acadêmica está presente em, pelo menos, uma etapa da trajetória de estudos de alguém.

Seja requisito de muitos cursos superiores, o temido “TCC” (trabalho de conclusão de curso); seja experiência de iniciação científica ou o processo para obtenção de níveis de especialização, como mestrado e doutorado; o trabalho acadêmico é um tipo de texto científico-argumentativo que exige certo esforço.

Estamos aqui hoje para dar umas dicas de como tornar esta tarefa um pouco menos complicada. Vem ver:

1. Escolha o tema

O primeiro passo de um trabalho acadêmico é escolher um tema. Pense bastante sobre isso e escolha algum assunto com o qual você tenha certa familiaridade ou que você tenha MUITA curiosidade de aprender estudando.

É preciso ter em mente que você passará horas e horas estudando diversas facetas do mesmo assunto e pode descobrir, no meio do caminho, que na verdade odeia “Teoria do textão aplicada ao estudo dos memes na internet”. De duas uma: ou você termina seu TCC amando ou odiando o tema, por isso é importante escolhê-lo com muita calma.

Se o tema já for pré-definido, como é o caso de muitos trabalhos exigidos na faculdade ou na escola, tente escolher uma abordagem que te interesse –estudar algum evento histórico pela perspectiva das mulheres, por exemplo.

2. Selecione bibliografia de referência

É provável que alguém neste mundo já tenha estudado algo que você também quer pesquisar. A originalidade não é fator essencial para trabalhos acadêmicos, com exceção daqueles que são para obtenção de algum título de especialização (mestrado ou doutorado), o que significa maior facilidade para encontrar bibliografia.

É por isso também que vale simplificar o assunto que você quer estudar: quanto mais específico ele for, mais difícil será encontrar bibliografia de referência para ele.

3. Fiche textos

Com a bibliografia selecionada, leia, leia muito. Leia tudo o que puder da lista de referências e não deixe para contar com sua memória para lembrar dos argumentos principais de cada texto. Fiche-os.

Fichar consiste em colocar as ideias centrais de um texto em um documento ao qual você poderá recorrer quando começar a redigir seu trabalho acadêmico. O documento pode ser manuscrito ou digitado, mas tente dar preferência para arquivos acessíveis em “nuvens”, como o Google Docs ou Evernote, assim você pode ler de onde estiver e não corre o risco de perder todo o progresso – esta dica também se aplica para o trabalho em si.

Nos fichamentos, vale também coletar citações literais que poderão ser mencionadas no texto com os devidos créditos. Anote bem os títulos dos livros, a edição e as páginas lidas.

4. Participe de discussões sobre o assunto

É sempre legal participar de discussões e debates que abordem o tema do seu trabalho, porque assim você estará em contato com diferentes visões sobre o assunto e poderá ter ideias que provavelmente não teria se não tivesse participado. Outra possibilidade é pedir para que algumas pessoas interessadas no tema leiam o seu trabalho, pois elas podem te dar sugestões de como melhorá-lo.

5. Revise

Vá revisando aos poucos cada nova parte redigida, assim você evita deixar passar algum erro. Quando concluir, vale pedir para alguém, habituado a revisar, a dar uma lida e passar um pente fino em tudo.

Esta etapa é bastante importante principalmente para trabalhos com limite de tamanho – um leitor externo tem maior facilidade para identificar e remover partes repetitivas ou desnecessárias do que quem fez o trabalho.

No contexto da Redação Científica, todas as frases do texto tem apenas um propósito, que é o de construir um sentido para um argumento que pretende convencer o leitor da veracidade e da confiabilidade das ideias apresentadas. Segundo o dicionário Aurélio, “argumento é um raciocínio pelo qual se tira uma consequência ou dedução”.

Sendo assim, quando escrevemos um texto científico, devemos ter em mente que o texto não necessita ser belo para impressionar o leitor, mas ser claro e objetivo com uma construção de argumentos que demonstre um raciocínio lógico.

Lembre-se de que uma das principais finalidades da ciência é propor soluções para os problemas enfrentados pela humanidade. Tais problemas são

complexos e necessitam ser analisados com racionalidade e não com euforia, empolgação e ingenuidade.

Aqui vale deixar mais uma dica: não use pontos de exclamação, reticências e não faça ironias, pois elas em nada ajudarão na elucidação das suas ideias. Em geral, o leitor do seu texto terá senso crítico apurado e buscará, sobretudo, compreender qual foi o seu raciocínio ao escrever o texto.

O Parágrafo

Segundo Garcia (2010), há um modelo de parágrafo, chamado parágrafo-padrão. Esse modelo possui uma unidade de composição formada por um ou mais de um período.

Nesse período, apresenta-se uma ideia central que será desmembrada em ideias secundárias.

As ideias secundárias devem demonstrar uma coerência lógica e semântica com a ideia central. Isto é, devem estar relacionadas com a ideia principal de forma lógica para que o leitor consiga perceber a construção do argumento, e também deve haver uma coesão de sentido entre a ideia central e as ideias secundárias.

Plágio

Plágio consiste na apropriação fraudulenta de uma obra, no todo ou na parte, sem a autorização expressa do autor. Para o autor, cabem direitos que são previstos no arcabouço jurídico brasileiro, tal como aparece no Código Penal, no Título que trata dos “Crimes Contra a Propriedade Intelectual”, em seu artigo 184, que prevê o crime de violação do direito autoral: “Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa”. A restrição garante o respeito a criação e o incentivo a produção de ideias novas, tão raras num país que pouco valoriza as publicações.

Com o avanço e a popularização do computador pessoal, conectado a rede, o repetitivo “Ctrl C, Ctrl V” tem se tornado um fantasma nas avaliações de trabalhos acadêmicos para professores de diferentes áreas.

Difícilmente um estudante em início de formação universitária não tenha sido tentado pela facilidade de *selecionar, copiar e colar* os textos em formato digital, fartamente oferecidos na *internet*. Por outro lado, professores profundamente preocupados em conter o avanço dessa contravenção acadêmica valem-se de recursos que estão disponibilizados na rede, colocando trechos do trabalho no Google para fazer uma pesquisa refinada e, com isso, verificar se aquele texto está publicado em algum lugar na rede.

Existem também programas de computador que conseguem localizar, no texto, plágio de algum trecho.

São os chamados “farejadores de plágios”, com suas versões *online* ou para *download*; gratuitas ou comercializadas.

O plágio, além de ser um crime, consiste num entrave a produção acadêmica, porque induz professores a uma abordagem desconfiada dos trabalhos de estudantes, mantendo sempre “um pé atrás” quando da avaliação da produção discente. Entretanto, o plágio não consiste apenas numa transcrição fiel, seja de trechos ou de toda uma obra.

A apropriação de uma ideia, sem a devida indicação da autoria, pode ser considerada plágio, uma vez que neste caso também há uma apropriação indevida de algo que o autor do texto não produziu.

Paráfrase

Uma mesma mensagem pode ser redigida de formas diferentes, pois a língua possui vários mecanismos linguísticos que permitem a reformulação do texto matriz.

Quando se faz uma paráfrase, reescreve-se o texto com outras palavras que devem manter as ideias originais. Ao parafrasear, deve-se cuidar para que não ocorra extrapolação (quando se diz algo que não estava no texto original), redução (quando se subtrai uma ideia do texto, provocando mudança no sentido), nem contradição (quando se escolhem as palavras erradas para traduzir o texto, provocando uma relação de oposição entre a paráfrase e o original).

Existem diversas maneiras para se fazer uma paráfrase. Algumas delas já foram apresentadas na citação acima de Charaudeau e Maingueneau.

Vejamos alguns exemplos:

a) **Paráfrase Semântica** (substituição vocabular)

I – A ética deveria governar as ações humanas.

II – A ética deveria comandar as ações humanas.

b) **Deslocamentos dos termos da oração**

I – A ética deveria governar todas as ações humanas.

II – Todas as ações humanas deveriam ser governadas pela ética.

c) **Transformação de uma oração reduzida em desenvolvidas e vice-versa.**

I – A regra mais importante na vida e ser feliz.

II – A regra mais importante na vida e que se tenha felicidade.

Um motivo importante para parafrasearmos é que esse processo facilita a ocorrência de aprendizagens significativas, conforme já explicamos anteriormente.

Ou seja, ao transcrevermos uma mensagem de forma não literal, realizamos um processamento cognitivo de apropriação do novo conteúdo ao relaciona-lo com os conceitos que já possuímos de forma lógica, ou seja, de forma não arbitrária, construindo novos sentidos para nossos conhecimentos prévios: “Portanto, uma das condições para a ocorrência da aprendizagem significativa e que o material a ser aprendido seja relacionável (ou incorporável) a estrutura cognitiva do aprendiz, de maneira não arbitrária e não literal” (MOREIRA, 1999, p. 156).

Citação

O Conhecimento Científico tem a característica de ser cumulativo. Isso significa que qualquer trabalho científico deve partir daquilo que já foi produzido, ou seja, deve apresentar o “estado da arte” do tema pesquisado.

Qualquer estudante que se aventure em fazer pesquisa, produzir conhecimento, deve se enquadrar num processo de *criação relativa*.

A criação relativa pode ser entendida como um paradoxo: por um lado o estudante ou cientista é estimulado a criar um conhecimento novo; mas, por outro, deve lembrar que esse conhecimento deve partir daquilo que constitui o conhecimento humano acumulado.

Além disso, deve estar atento as regras que “engessam” o processo de produção científica, ou seja, a metodologia científica.

Quanto maior for o numero de fontes consultadas, melhor será a impressão que a comunidade científica terá de seu trabalho, porque indicara muitas horas de estudo e aprofundamento no tema.

Porém, essas fontes consultadas devem aparecer no trabalho acadêmico de acordo com as normas técnicas.

No Brasil, quem define essas regras é a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), instituição que estabelece os parâmetros nacionais para as bases tecnológicas e científicas do país.

A utilização das fontes consultadas deve aparecer na forma de citação, que “é a menção da informação extraída de outra fonte”, segundo a ABNT. As citações servem para fundamentar a ideia do autor do trabalho, referendar sua argumentação,

indicar que outros autores estão na mesma linha de raciocínio e, sobretudo, dar consistência teórica ao trabalho produzido.

Diferentemente do plágio, a citação caracteriza-se pela indicação da autoria. Nesse sentido, o autor do trabalho faz justiça ao autor da fonte consultada, dando a ele o crédito pela ideia utilizada, seja na forma de transcrição, ou mesmo de paráfrase.

É importante também destacar que a citação deve servir para respaldar a ideia do autor. O uso indiscriminado e arbitrário de citação faz com que o trabalho pareça uma “colcha de retalhos”. Portanto, é importante que o autor de qualquer trabalho acadêmico (artigo, projeto de pesquisa, resumo, resenha, livro etc.) saiba que as citações não são autoexplicativas e nem se sobrepõem ao texto. Trata-se apenas de um recurso que o autor utiliza para construir, referendar, endossar seus argumentos. Não podem aparecer soltas no texto, isoladas, sem a devida reflexão.

Referências

Referências constituem um “conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual”, conforme estabelece a NBR 6023:2002, elaborada pela Comissão de Estudo e Documentação (CE-14:001.01) da ABNT em agosto de 2002. A função da “referência” em um texto científico é indicar o local das informações citadas no texto, isto é, as informações que constituem a listagem dos materiais utilizados no texto científico.

A função dessa parte do trabalho é facilitar a localização, por parte do leitor, da obra consultada quando da elaboração do texto por seu autor. Além disso, quanto maior for a lista de referências, maior será a indicação de que o autor fez uma revisão de literatura mais ampla, consultando vários documentos, o que representa um estudo mais abrangente do tema.

O termo “Referências” traz consigo a ideia de abranger todo e qualquer material utilizado na elaboração do texto acadêmico, diferentemente do termo “Referências Bibliográficas”, que faz um recorte, indicando que somente foram utilizados materiais de base impressa, isto é, um objeto físico, tais como livros e revistas em versão impressa.

O termo “Referências”, portanto, é mais indicado, uma vez que existe uma variedade enorme de documentos eletrônicos, alguns, inclusive, oriundos da *internet*, a qual tem se tornado uma fonte de pesquisa bastante utilizada, como também vários materiais que atualmente são distribuídos em formato digital, na forma de *CD-ROM*, por *e-mail*, em *pen drive* etc.

Formatação das referências

As referências devem ser formatadas conforme critérios a seguir:

- a) espaçamento simples;
- b) alinhamento a esquerda do texto;
- c) separadas entre si por espaço duplo.

Partes constitutivas das referências

Os elementos essenciais das referências são: autoria, título e subtítulo, edição, local, editora, data. Veja o exemplo abaixo:

FOUCAULT, Michael. História da sexualidade: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

Autor Título Subtítulo Local Editora Data

Mas a referência pode conter elementos complementares, que, quando necessários, aparecem para melhorar a identificação do documento.

Os elementos complementares podem ser: quantidade de páginas, nascimento e morte do autor, coleção, tamanho do material, tradutor, entre outros.

Capítulo 4

Trabalhos Científicos Acadêmicos

Os trabalhos científicos acompanham a vida acadêmica de todo pesquisador ou estudante.

E saber qual gênero utilizar em cada situação é essencial para produzir o texto adequado. Seja para uma disciplina ou para a conclusão de uma pós-graduação.

Conhecer os diferentes tipos de trabalhos científicos pode auxiliar também quem deseja submeter a uma revista científica por exemplo.

Desse modo ao produzir esses tipos de trabalhos você, como pesquisador, pode publicar através de revistas acadêmicas ou de eventos na sua área de atuação e assim obter mais visibilidade para a sua pesquisa, ao expor as suas descobertas para a comunidade científica.

Resumo

Um tipo muito comum é o resumo, assim como muito utilizado em diversas disciplinas na carreira acadêmica. O objetivo dessa produção é sintetizar os conteúdos presentes em outro texto.

Além do resumo simples, também existe o resumo crítico, o qual conta com a sua opinião no texto, geralmente no parágrafo referente a conclusão do resumo. O resumo também é um tipo de trabalho que pode ser submetido para publicação em periódicos acadêmicos.

Pôster Acadêmico

O pôster é presente na maioria dos eventos acadêmicos. Ele conta com muitos elementos visuais, como tabelas, gráficos e imagens.

O conteúdo é mais resumido, pois a sua apresentação é de curta duração, menos de 5 minutos.

Cada evento possui a sua formatação específica solicitada no momento de produzir o pôster.

E, são nesses eventos que o pôster pode ser publicado, pois depende da comissão organizadora do evento organizar uma compilação dos pôsteres e divulgá-los para a sociedade acadêmica.

Resenha

Muito confundida com o resumo, a resenha se assemelha muito ao resumo crítico, pois, além de apresentar os conteúdos reúne informações adicionais e críticas específicas ao texto de análise.

Há periódicos acadêmicos que também aceitam o gênero resenha para publicações.

Impulsionando as publicações de trabalhos científicos diferentes dos artigos.

Auxiliando também os pesquisadores iniciantes que ainda não produziram um tipo mais completo como uma monografia.

Relatório

O relatório, diferente da resenha, não permite análises nem opiniões.

Ele é um documento que visa informar o andamento de uma pesquisa, assim como aulas de campo ou experimentais.

As agências de fomento à educação, como o CNPq, solicitam esses relatórios aos pesquisadores.

Os quais realizam uma pesquisa em nome da instituição de ensino e do CNPq.

Artigo Científico

O artigo é mais longo que um relatório, pois ele apresenta uma análise da pesquisa e também uma fundamentação em pesquisadores mais experientes sobre o tema da pesquisa.

Nele, vai estar a metodologia detalhada de como foi realizada a pesquisa.

Incluindo uma conclusão sobre a pesquisa, mostrando os resultados obtidos.

Amplamente aceito em revistas científicas e eventos é um dos trabalhos científicos mais utilizados para divulgar resultados no meio acadêmico.

Monografia

A monografia é utilizada como trabalho de conclusão de curso, podendo ser de uma graduação ou especialização.

E, geralmente há uma ou duas disciplinas no curso que visam a produção desse gênero, durando de 6 meses a 12 meses em média.

Por isso é tão conhecida e ao mesmo tempo muito temida. Ela é mais ampla e possui uma base teórica maior e sólida.

A monografia não exige resultados inovadores ou resultados vindos de pesquisas experimentais, mas um diálogo entre o objeto de pesquisa e a fundamentação teórica utilizada.

Dissertação

Usada para a obtenção do título de mestre, a dissertação busca trazer uma análise diferenciada do tema pesquisado ou problema observado.

Essa análise resulta das pesquisas realizadas de forma experimental ou empírica. Tudo isso durante todo o mestrado, contando com entrevistas e coleta de dados.

Tese

Este é o trabalho científico mais complexo entre todos os apresentados aqui.

A tese é o trabalho científico produzido com o objetivo de obter o título de doutor, e para isso o pesquisador desenvolve a sua tese por todo o período de doutorado, por volta de 4 anos.

Por isso, a tese deve conter um avanço significativo ou inovação na área da pesquisa realizada.

Como é utilizada para conclusão do doutorado exige um grau maior de comprometimento.

É avaliada de forma mais rígida e necessita que o pesquisador tenha um conhecimento bem mais específico do assunto.

Sabendo exatamente qual o tipo de texto mais adequado para cada momento da sua carreira acadêmica.

Seja um trabalho de uma disciplina da graduação ou uma tese de doutorado, você otimiza o tempo de pesquisa e de escrita, sabendo o que vai pesquisar e qual tipo vai escrever.

Pois, você sabe o que vai pesquisar e como os organizadores e professores esperam que o tipo acadêmico seja feito.

Facilitando toda a sua vida acadêmica, no meio de gêneros que são muito confundidos entre os estudantes e pesquisadores.

Muitas vezes, o estudante ou pesquisador, ao ser abordado para fazer um trabalho científico acadêmico, tem muitas dificuldades de diferenciar as características quanto à estrutura, ao conteúdo ou à forma de apresentação inerente de cada tipo de trabalho.

Dessa forma, serão apresentado, nesta seção, características de alguns tipos de trabalhos científicos acadêmicos e seus pré-requisitos.

Veja o que Lakatos e Marconi (2003, p. 234) explicam sobre trabalhos científicos acadêmicos:

[...] devem ser elaborados de acordo com as normas preestabelecidas e com os fins a que se destinam. Serem inéditos ou originais e contribuírem não só para ampliação de conhecimentos ou compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecer subsídio para outros trabalhos.

A principal razão que leva o pesquisador a escrever é a necessidade de expressar os resultados de pesquisas, reflexões e estudos que realizou, em determinado período, por solicitação dos professores ou espontaneamente, por isso deve pensar em comunicar de forma clara, precisa e objetiva. Mas, segundo Oliveira (2003, p. 97-111), também, é necessário identificar características específicas de cada tipo de trabalho científico

acadêmico. Aqui, o autor destaca os principais trabalhos científicos acadêmicos.

Compreensão

Você chegou ao final de mais uma seção. Faça a atividade de auto avaliação para verificar se entendeu o conteúdo.

Escreva V se a alternativa for verdadeira e F se for falsa:

() A resenha é um resumo crítico, que permite comentários e juízo de valor, a partir da comparação de um texto, com mais obras da mesma área.

() O resumo é utilizado para condensar um conteúdo, procurando reproduzir frases do texto original na sua construção.

() No paper, o pesquisador pode desenvolver seu ponto de vista sobre determinado tema, uma tomada de posição e a expressão dos pensamentos de forma original. É impessoal e escrito com imparcialidade, não deixando transparecer as crenças e preferências do escritor.

Capítulo 5

Orientações para a Apresentação Oral

Quando falamos em apresentação oral, estamos englobando a apresentação oral dos trabalhos acadêmicos como um todo, mas principalmente a monografia, que é um dos momentos mais importantes da trajetória acadêmica na graduação. É bom lembrar que nenhum processo de comunicação do conhecimento parte do zero.

A ciência depende da comunicação do conhecimento que é permanentemente produzido, tanto por uma questão de uso como de validação daquilo que é produzido. Portanto, o estudante universitário, embora ainda não seja cientista em sentido *stricto*, tem no exercício da ciência a base de sua atividade acadêmica, o que pressupõe um aprendizado na comunicação desse conhecimento.

Segundo Meadows (1999), a comunicação está localizada no próprio coração da ciência. Não importa o ângulo a partir do qual olhemos esse fenômeno; a comunicação é essencial para a investigação científica. Para o estudante de ensino superior, o importante é perceber-se em processo constante de consumo da informação científica e de disseminação da informação, que, como desejável, tenha produzido.

Nesse sentido, a apresentação oral é uma forma de comunicação do conhecimento científico.

Para uma boa apresentação oral, o orador, nesse caso o estudante, precisa ter domínio de algumas técnicas.

As pessoas pensam, geralmente, que a comunicação é uma habilidade inata que só alguns privilegiados possuem.

Em verdade, há muitas técnicas que podem ser desenvolvidas pelos estudantes para ter sucesso em sua apresentação oral. Recomendamos algumas:

- a) estude bastante o conteúdo antes da apresentação. Muitos oradores ficam nervosos por não terem adquirido amplo domínio sobre o que vão transmitir;
- b) inicie sua apresentação com um cumprimento à audiência e uma breve exposição dos objetivos de sua apresentação;
- c) leve os tópicos sobre os quais vai discutir anotados em fichas de papel. Se for utilizar uma projeção em *Datashow*, os *slides* devem ser leves e descongestionados. *Slides* servem apenas para orientar a fala e não para serem lidos textualmente;
- d) jamais diga que está nervoso. A audiência não precisa saber disso e, se souber, poderá deixar de prestar atenção no conteúdo que é comunicado para prestar atenção nas pernas que tremem, na voz que intercala, no suor que brota do rosto;

e) tenha sempre um olhar panorâmico sobre a audiência. Evite olhar em apenas uma direção da sala;

f) se preferir, peça à audiência para fazer as perguntas depois de sua apresentação. Assim você poderá expor livremente o que planejou, sem interrupções que podem desviar seu foco;

g) explore exemplos; porém, seja objetivo em sua apresentação. Não divague por assuntos que não fazem parte do tema sobre o qual discute;

h) certifique-se do tempo que possui para sua apresentação. Com pouco tempo, só o que for essencial deveria ser abordado. Se tiver muito tempo, poderá abusar de exemplos, discussões e ainda abrir espaço para participação da audiência;

i) utilize um tom de voz que seja suficiente para se fazer escutar, caso não tenha serviços de amplificação do som;

j) não apresente justificativas para os erros cometidos durante a apresentação. Isso não é importante. Caso cometa alguma incorreção, peça desculpa sem se alongar demais;

k) considere as perguntas e intervenções da audiência como contribuições. Agradeça ao final por elas. Humildade intelectual é um atributo que só bons pesquisadores possuem. Não pense que domina todo o conhecimento do mundo; lembre-se da máxima de Sócrates: “eu só sei que nada sei”.

Além disso, o mais importante em uma apresentação é ter segurança sobre o que irá falar.

Por isso e que insistimos na preparação. Estude bastante, faça anotações e, se possível, faça uma exposição de seu trabalho para um amigo ou alguém de sua confiança e lhe peça uma avaliação crítica. Isso pode ajudar a desenvolver uma autocrítica e, ao mesmo tempo, aprimorar seu trabalho.

Apresentação de Pôster (*banner*)

Em 2006, a ABNT publicou a NBR 15437 – Informação e documentação – Pôsteres técnicos e científicos – Apresentação.

O objetivo dessa norma é estabelecer princípios gerais para apresentações dos referidos pôsteres, que são definidos como: “instrumento de comunicação exibido em diversos suportes, que sintetiza e divulga o conteúdo a ser apresentado (ABNT, 2006, p.1).

Na elaboração do conteúdo de pôsteres, a ABNT recomenda que se evite o uso de citações diretas e notas de rodapé.

Estrutura do Pôster

Em consonância com a Norma 15437:2006, o pôster deve ser elaborado obedecendo-se a itens obrigatórios (título, autoria, conteúdo e referências) e a itens opcionais (subtítulo, informações complementares e resumo).

Tais elementos devem aparecer ordenados, conforme estrutura abaixo, elaborada de acordo com as normas da ABNT.

Apresentação do Pôster

Os pôsteres podem ser impressos em papel, lona, plástico, acrílico ou outro material. Também é possível ser apresentado por meio eletrônico.

No caso de pôsteres impressos, devem-se seguir as seguintes medidas: largura de 60 cm até 90 cm; altura de 90 cm até 1,20 m. O projeto gráfico é de responsabilidade do autor. O pôster deve ser legível a uma distância de pelo menos um metro.

Para Conduru e Pereira (2010, p. 39): “é importante destacar que na confecção do pôster também devem ser observadas as normas do evento em que o trabalho estiver sendo proposto”. É também possível que outras informações constem no pôster, como a logomarca da instituição, endereço da instituição na qual foi realizada a pesquisa, informações adicionais, como *sites*, *e-mails*, exemplos, imagens ou qualquer outro item que contribua para ampliar o entendimento do leitor sobre a pesquisa apresentada.

Outra informação importante e que, em geral, a apresentação do pôster dura entre duas e quatro horas, e a presença do autor (ou autores) ao seu lado é indispensável.

Os interessados aproximam-se do pôster e, se houver alguma dúvida, lá deve estar o autor para dirimi-la.

Os congressos também têm mecanismos de controle da frequência dos apresentadores de pôster e, em geral, somente são certificados aqueles que realmente “apresentam” o pôster, ou seja, apenas afixa-lo no estande não é suficiente para garantir a certificação.

A seguir há um exemplo de pôster já apresentado em congresso e estruturado de acordo com um modelo pré-definido institucionalmente.